

A relação homem x animal na mídia: uma análise das editorias especializadas

Eveline Teixeira Baptistella¹
Juliana Abonizio²

Resumo: Considerando a crise ecológica e a entrada dos animais não-humanos na esfera moral da sociedade, este artigo busca refletir sobre a cobertura dos temas animais pelo jornalismo ambiental. Através da análise de dois canais de notícias on line específicos sobre o tema, foi possível perceber como é pensada a relação entre animais humanos e não-humanos na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Jornalismo ambiental. Estudos animais. Direitos dos animais. Cultura contemporânea.

1. Introdução

Este artigo busca uma reflexão sobre as transformações na relação entre animais humanos e não-humanos a partir da análise de editorias específicas sobre animais nos sites da Folha de São Paulo e R7. Se antes o tema costumava aparecer somente nas páginas de meio ambiente, ciências e cidades, hoje, crescem os veículos que dedicam espaço exclusivo para eles. No entanto, a pesquisa em jornalismo ainda se detém pouco sobre este tema.

Esta pesquisa fundamenta-se na análise de notícias a partir do conceito de transversalidade da pauta jornalística ambiental e de multidisciplinaridade do jornalismo ambiental (BUENO, 2007). Para tanto, abordamos o panorama da crise ecológica e da inserção dos animais não-humanos na esfera moral e afetiva dos homens por meio da pesquisa bibliográfica. Pretendemos investigar como animais e humanos são retratados nestas editorias e se tais notícias cumprem as funções informativa, pedagógica e política do jornalismo ambiental (BUENO, 2007, p.35).

1 Eveline Teixeira Baptistella, docente do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT e mestranda do Programa de Pós-graduação de Estudos em Cultura Contemporânea-ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Didática do Ensino Superior, evelineteixeira@unemat.br.

2 Profª. Dra. Juliana Abonizio, docente do Programa de Pós-graduação de Estudos em Cultura Contemporânea-ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Doutora em Sociologia, abonizio.juliana@gmail.com.

2. Uma nova relação humanos x não-humanos

Muitas são as formas de diferenciar animais humanos e não-humanos. Critérios como fala, beleza, alma e racionalidade são utilizados há séculos para justificar a presença do homem num patamar superior ao do restante dos animais (Thomas, 2010, p. 37). No entanto, a partir do século XX, a humanidade ganhou uma nova característica distintiva: a capacidade de dizimar todas as formas de vida da Terra – inclusive a de seus espécimes. Apesar de um tom apocalíptico, tal constatação foi se reafirmando e, no século XXI, os dados apontam que não se trata de exagero.

Um levantamento do World Wide Fund For Nature-WWF chamado Planeta Vivo mostrou que o índice “(...), que mede mais de 10.000 populações representativas de mamíferos, aves, répteis e peixes, diminuiu 52% desde 1970” (PLANETA..., 2014, p.4). Ou seja, mais da metade das espécies documentadas no mundo foram extintas desde aquele período. Segundo Wilson (2006, p. 79), nosso planeta entrou no sexto ciclo de extinção em massa.

Até o final deste século, esse surto de perdas permanentes deve atingir, se não for controlado, um nível comparável ao do final da Era Mesozoica. Entraremos então em uma era que tanto os poetas como os cientistas talvez queiram chamar de Era Eremozóica ou Idade da Solidão. Teremos feito tudo isso sozinhos, e conscientes do que estava acontecendo. (Wilson, 2006, p. 79).

Este novo estágio da relação entre homem e natureza já ganhou até mesmo um nome no âmbito da geologia: antropoceno, uma era “(...) em que em que as atividades humanas são os maiores vetores de mudança em escala planetária” (PLANETA, 2014, p.20).

Os eventos climáticos considerados extremos - como secas e inundações - também provocam questionamentos sobre os limites da dominação exercida sobre a natureza. O Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC) alerta para mudanças preocupantes nos padrões do clima nacional. Seguem as previsões:

As mais confiáveis valem para a Amazônia (aumento de temperatura de 5°C a 6°C e queda de 40% a 45% na precipitação até o final do século, com 10% de redução nas chuvas já nos próximos cinco anos), para o semiárido, no Nordeste (respectivamente 3,5°C a 4,5°C e -40% a -50%), e para os pampas, no Sul (2,5°C a 3°C de aquecimento e 35% a 40% de aumento de chuvas). (Líquido..., 2015).

As constatações dos abalos ecológicos provocados pelos homens têm gerado reflexões sobre o tema no universo acadêmico a partir de várias perspectivas, sejam biológicas, climáticas, sociais,



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



filosóficas, políticas dentre outras, uma vez que indubitavelmente, é uma questão que transcende as fronteiras disciplinares.

Para Serres (1990, p.58), filósofo francês, se o início da vida social foi marcado por um hipotético contrato social, a ameaça da destruição total da vida resultante de uma relação desastrosa com a natureza traz a necessidade de se criar um contrato natural, em que os humanos revejam seu modo de utilizar os recursos naturais e se relacionar com os outros seres vivos. O que está em jogo é a própria continuidade de nossas vidas. “Se considerarmos as nossas ações inocentes e ganharmos, não ganharemos nada, a história avançará como sempre; mas se perdermos, perdemos tudo, sem estarmos preparados para qualquer possível catástrofe” (SERRES, 1990, p. 17).

Pensar na relação entre homem e natureza conduz à reflexão sobre os vários tipos de relação que os homens estabelecem com os demais animais. Tal reflexão está no mundo acadêmico com as descobertas da etologia, mas também se reverbera na vida cotidiana, no trato com os pets, nas transformações das legislações e nas pautas de movimentos sociais.

O movimento de proteção animal tem suas raízes ainda na Idade Moderna e foi oficializado em 1824, com a fundação da primeira sociedade protetora, na Inglaterra (CHUAHY, 2009, p. 17). Mas ele ganha novos contornos a partir da segunda metade do século XX, quando novas sensibilidades em relação aos bichos começam a ascender. Os animais, que durante muito tempo foram apenas ferramentas de pesquisa, ganham o posto de objetos de estudo com o surgimento de ciências como a etologia cognitiva.

(...) a etologia cognitiva é o estudo comparativo, evolutivo e ecológico da mente dos animais. Ela se concentra no modo como os animais pensam e no que sentem, inclusive as suas emoções, crenças, raciocínio, processamento de informações, consciência e autoconsciência. (BEKOFF, 2010, p.51-52)

No mesmo período, a filosofia também passou a se ocupar do tema, especialmente por meio dos trabalhos de um grupo de filósofos da Universidade de Oxford, que decidiu investigar a exclusão dos animais não-humanos da esfera moral (CHUAHY, 2009, p.17). Era o início do que chamo de Movimento de Comprovação, um esforço na esfera científica para comprovar que os animais possuíam características como consciência, inteligência e até mesmo senso de justiça e códigos morais, mesmo que rudimentares.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Estes estudos e questionamentos contribuíram para mudanças importantes, como a criação de leis de proteção aos animais em geral e o fortalecimento das políticas de preservação de espécies ameaçadas. Além disso, neste contexto – aliado ao intenso processo de concentração de população nas áreas urbanas - vemos a inclusão de dois animais em específico na esfera familiar humana: cães e gatos.

Conforme Pais (2006, p. 283) estes dois espécimes vem passando por um processo de antropomorfização, que os insere na esfera de preocupação e afeto dos humanos.

Outrora, o pouso comum de cães e gatos era a rua para uns, o telhado para outros; actualmente houve um notável aburguesamento das espécies caninas e felinas, a partir do momento que passaram a “animais de companhia”. Os que não usufruem de um tal estatuto social são marginalizados: não passam de vadios, rafeiros, vagabundos, vira-latas. Os “afortunados” – atribuição abusiva por não levar em linha de conta a “vontade” dos que julgamos que o sejam – compartilham com os donos de confortos e bonomias inimagináveis (...). (PAIS, 2006, p.283).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE confirma esta perspectiva e prevê um aumento da convivência com animais de estimação.

(...) o número de cães nos lares brasileiros superou o de pequenos humanos: de cada 100 famílias no país, 44 criam cachorros, enquanto só 36 têm crianças. (...) o resultado do cruzamento de dados saiu apenas na semana passada. Ele apontou a existência de 52 milhões de cães, contra 45 milhões de crianças até 14 anos – uma situação que se assemelha à de países como o Japão (16 milhões de crianças, 22 milhões de animais de estimação) e os Estados Unidos (em 48 milhões de lares há cães; em 38 milhões há crianças). (RITTO; ALVARENGA, 2015, p. 71).

Também de acordo com o levantamento, o Brasil é o segundo país do mundo em número de cães (52,2 milhões) e gatos (22,1 milhões). A imprensa não fica alheia a este fenômeno e se torna uma instância onde podemos acompanhar as transformações cotidianas no relacionamento entre humanos e não-humanos. Afinal, como é essa relação entre humanos e seus pets? Trata-se exclusivamente de relação de afeto e estima? Quando essa relação se torna notícia?

3. Questões para o jornalismo

Se os animais – especialmente os de estimação – tornam-se alvo de um interesse cada vez maior por parte dos humanos, o jornalismo acompanhou este momento e o assunto virou pauta



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



frequente na imprensa em geral. Uma pesquisa realizada por Bueno (2007, p.42) nos principais jornais impressos do país mostra que os animais estão entre os principais temas da pauta ambiental, situando-se inferior em quantidade de notícias, apenas para os relacionados à Amazônia. O mesmo estudo quantificou também os assuntos abordados em cartas enviadas pelos leitores e, novamente, as pautas animais eram destaque. Os temas principais foram conservação de prédios e logradouros públicos, poluição em geral e animais (abandono, maus tratos, etc.) (BUENO, 2007, p.43).

Até pouco tempo os animais eram incluídos com mais frequência ou quase que exclusivamente nas editorias de meio ambiente e ciência. O critério era bem claro, se for levado em conta que os animais – assim como os humanos - fazem parte do meio ambiente mas são considerados elementos à parte.

Além disso, a primeira esfera em que a mídia deu grande destaque aos não-humanos, ainda no século passado, foi justamente ao reportar problemas graves, como a possível extinção das baleias, nas décadas de 70/80, e os impactos dos agrotóxicos para inúmeras espécies, nos anos 60.

(...) produtos químicos não seletivos, com o poder de matar todos os insetos, os “bons” e os “maus”, de silenciar o canto dos pássaros e deter o pulo dos peixes nos rios, de cobrir as folhas com uma película letal e de permanecer no solo – tudo isso mesmo que o alvo em mira possa ser apenas umas poucas ervas daninhas ou insetos. Será que alguém acredita que é possível lançar tal bombardeio de venenos na superfície da Terra sem torna-la imprópria para toda a vida? (CARSON, 2013, p.300).

Inclusive, tais questões contribuíam para o desenvolvimento da cobertura específica sobre meio ambiente. Segundo Victor (2009, p.170), o jornalismo ambiental “(...) nasceu cobrindo tragédias e denunciando os abusos de um modelo de desenvolvimento econômico considerado socialmente perverso e ambientalmente insustentável”. Assim, ao se consolidar, o jornalismo ambiental incorporou o compromisso com estes assuntos em sua própria definição.

Chama-se Jornalismo Ambiental a especialização que ela no contexto acadêmico e/ ou de experiência da profissão jornalística, nos fatos relacionados ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e a natureza, principalmente quando se trata em relatar sobre a sustentabilidade e da biodiversidade. (COLOMBO, 2010, p.7).

Mas há cerca de uma década é possível notar, especialmente na internet, o surgimento de espaços voltados especificamente para animais. Entre alguns exemplos, temos os sites Terra, Folha e R7, entre outros, que possuem editorias somente sobre bichos. Há também sites e revistas específicos como a Agência de Notícias do Direito Animal (www.anda.jor.br) e a Revista Meu Pet.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



É preciso ressaltar a transversalidade do tema, já que assuntos relativos a animais atravessam as esferas do comportamento, política e economia, entre outras. Tal amplitude se vincula muito bem à noção de jornalismo ambiental que, conforme Bueno (2007, p. 35), é marcado por uma grande variedade de temas e se constitui num campo multi e interdisciplinar, já que mobiliza diferentes tipos de saberes na produção de conteúdo sobre meio ambiente para o público leigo. “A multiplicidade tem impacto na própria cobertura do meio ambiente pela mídia, de tal modo que se pode contemplar matérias em vários cadernos, editoriais ou veículos (cidades, política, economia, ciência e tecnologia, saúde, etc)” (BUENO, 2007, p. 35).

O mesmo vale quando se trata da cobertura de temas animais. Nas páginas policiais, o caso do yorkshire morto a pancadas pela tutora, a enfermeira Camila Correia, em Formosa (GO), em 2011, comoveu o Brasil inteiro. A invasão de ativistas dos direitos animais ao Instituto Royal, em São Roque (SP), em 2013, foi também um caso de polícia e - mais - trouxe para a imprensa uma discussão ética e científica: o uso de animais em testes de produtos como medicamentos e cosméticos. Também na vertente científica estão matérias sobre os inúmeros estudos de comportamento animal conduzidos na atualidade, que atraem interesse do público em geral.

Diante de tal variedade, surge o objetivo geral, que é responder à questão: qual é o enfoque desenvolvido por canais específicos sobre animais na internet a partir da análise dos principais assuntos abordados? Como objetivos específicos, buscamos contextualizar: O que este conteúdo revela sobre a relação atual entre animais humanos e não-humanos enquanto instantâneo social? Qual a qualidade desta cobertura? Qual destaque dado aos problemas ambientais e seu impacto sobre os bichos? Quais as fontes deste conteúdo?

Através da resposta a essas questões, poderemos também refletir se tais notícias cumprem as principais funções do jornalismo ambiental, discriminadas por Bueno em informativa, pedagógica e política:



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



A **função informativa** preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto de determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida. A **função pedagógica** diz respeito à explicitação das causas e soluções para problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais. A **função política** (aquí entendida em seu sentido mais amplo e não obviamente restrita a sua instância meramente político-partidária) tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. (BUENO, 2007, p. 35-36).

Podemos ainda refletir sobre que aspectos da cultura contemporânea são revelados por essas notícias e o que elas evidenciam sobre os papéis ocupados pelos animais na sociedade hodierna.

4. Bichos na mídia: um retrato de editoriais especializadas

Como material empírico para esta reflexão, selecionamos as editoriais “Bichos” de dois sites nacionais: no canal on line F5, da Folha de São Paulo, e no canal on line Mulher, do site R7, da Grupo Record. Eles foram escolhidos por serem páginas de abrangência nacional ligadas a grandes empresas de comunicação, o que, em hipótese, produziria convergência de conteúdo, agregando notícias de fontes como as matérias da Folha de São Paulo impressa ou as reportagens dos programas da emissora Record. Tais sites foram acompanhados sistematicamente durante um trimestre - entre 1º de abril e 1º de julho de 2015 -, período em que selecionamos uma amostra de forma aleatória. Foi utilizada a técnica de semana artificial (LAGO; BENETTI, 2010, p. 131). Para fazer a análise das notícias, foi criada a seguinte divisão temática de forma a classificar o conteúdo:

- a) Fatos variados – notícias sem compromisso com características como atualidade, ou relevância social. Segundo Morin (1990, p.114), é a cobertura de “(...) acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional”. São, por exemplo, notícias sobre situações engraçadas ou inusitadas, uma cachorra que amamenta filhotes de gatos ou registros sobre pessoas que tem animais de estimação exóticos.

- b) Meio ambiente/ciência – notícias sobre pesquisas que tem os animais não-humanos como objeto de estudo, matérias que tratam da relação entre bichos e o meio ambiente, especialmente sobre impactos ambientais, incluídos aí crimes contra espécies ameaçadas (situações em que os animais são uma figura difusa, caracterizada apenas como espécie dentro da notícia). São exemplos as reportagens sobre inteligência animal e sobre apreensão de vítimas do tráfico de animais silvestres.
- c) Maus tratos – situações específicas em que um animal é alvo de maus tratos ou de condutas degradantes, com a delimitação da figura da vítima. Além do caso do Yorkshire, já citado anteriormente, há a história do vira-lata Scooby, que foi amarrado a uma moto e arrastado pelo dono por quatro quilômetros até ser deixado, com as patas em carne viva, no Centro de Controle de Zoonoses de Campo Grande (MS), em 2012 (G1, 2012).
- d) Direitos animais/bem estar animal: Matérias sobre direitos dos animais, quando as mesmas envolvem a discussão generalizada deste assunto ou a revisão do *status* dos bichos, bem como reportagens a respeito de práticas e procedimentos que tornem mais confortáveis a vida deles – incluem-se aí matérias sobre cuidados e no tratamento dos bichos que convivem com pessoas, especialmente pets. Entre as pautas que podem ser usadas como exemplo, estão a discussão do fim das touradas na Espanha e as recomendações para evitar que os cães sofram de estresse.
- e) Apelos – oferta de animais para adoção, pedidos de resgate ou socorro para bichos em situação de risco, campanhas localizadas de arrecadação de fundos para abrigos ou protetores de animais.
- f) Celebidades – material tanto sobre animais que são famosos em perfis de redes sociais quanto aqueles que têm donos conhecidos e, por isso, recebem destaque na mídia, como é o caso do macaco do cantor Latino, que já foi alvo até de reportagens

exclusivas. Este item poderia ter sido elencado como fato variado, mas foi separado para verificar a existência de animais celebridades no universo da mídia.

A primeira constatação é que as duas editorias Bichos ficam localizadas em páginas de entretenimento em ambos os *sites*. No caso da Folha, fica no F5, portal de entretenimento, em meio a canais sobre celebridades, televisão, novelas e até um intitulado “Fofices”, sobre crianças e bebês em situações consideradas “fofas”. No R7, a editoria também fica dentro do portal de entretenimento, como uma seção da editoria Mulher – o que leva a crer que o assunto é considerado de interesse exclusivamente ou majoritariamente feminino, ou têm aderência ao que se imagina serem os contornos desse universo.

No período selecionado, foi possível constatar também uma grande diferença no volume das notícias entre um site e outro. No F5-Bichos, foram 19 notícias contabilizadas. No R7-Bichos, o número foi de 304 notícias.

TABELA 1 – NÚMERO TOTAL DE NOTÍCIAS

VEÍCULO	NOTÍCIAS
F5-Bichos	19
R7-Bichos	306

Fonte: Elaboração do autor.

Enquanto no F5-Bichos a maior quantidade de notícias foi sobre fatos variados, 6, no R7-Bichos, os apelos foram o assunto com maior participação na cobertura, 72. No F5-Bichos não há nenhuma notícia relativa a pedidos de ajuda, ofertas de adoção ou divulgação de campanhas localizadas. A participação do leitor, no caso do F5-Bichos, se dá pela sessão “Mascotes da Semana”, em que as pessoas enviam fotos e uma breve história sobre seus animais de estimação. Os registros são reunidos numa galeria de fotos e um relato específico recebe destaque em forma de texto - com direito à imagem do animal ficar na capa da galeria.

TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO DOS TEMAS NA COBERTURA

TEMAS	F5-Bichos	R7-Bichos
Fatos variados	6	69
Meio ambiente/Ciência	5	43
Direitos animais/Bem estar animal	1	51
Maus tratos	2	59
Celebridades	5	12
Apelos	0	72
TOTAL	19	306

Fonte: Elaboração do autor.

No F5-Bichos, especificamente, há um equilíbrio entre fatos variados, celebridades e meio ambiente/ciência. Mas é preciso levar em conta que tanto as notícias sobre fatos variados quanto de celebridades têm abordagens voltadas para o âmbito da curiosidade, sem valor noticioso de fato nem reflexão aprofundada. A participação de temas polêmicos e de maior impacto como maus tratos e Direitos Animais/Bem estar animal é pequena. A análise traça um retrato de um mundo onde os animais de estimação vivem com conforto, sob uma tutela segura e carinhosa e têm suas personalidades individuais reconhecidas. Os problemas enfrentados por estes bichos no espaço urbano – especialmente quando são animais de rua - não são abordados. Já os animais silvestres aparecem como vítimas dos problemas ambientais, especialmente sofrendo com o risco de extinção. São sempre bichos que estão distantes da realidade

TABELA 3 – CLASSIFICAÇÃO DOS TEMAS POR QUANTIDADE DE NOTÍCIAS

F5-Bichos	R7-Bichos
1º- Fatos variados	1º - Apelos
2º - Meio ambiente/Ciência	2º - Fatos variados
2º - Celebidades	3º - Maus tratos
3º - Maus tratos	4º - Direitos animais/Bem estar animal
4º - Direitos animais/Bem estar animal	5º - Meio ambiente/Ciência
Apelos – nenhuma notícia	6º - Celebidades

Fonte: Elaboração do autor.

No R7-Bichos, as dificuldades enfrentadas pelos animais aparecem de forma forte pela combinação de vários temas: apelos, maus tratos e direitos animais/bem estar animal. As notícias com apelos foram separadas das de maus tratos porque os animais que aparecem nos pedidos de ajuda não estão em situação flagrante de crueldade, como aqueles que são vítimas de espancamentos, agressões ou torturas. Mas apesar de não conterem conteúdo diretamente ligado aos maus tratos, os apelos revelam animais que precisam de lar, bem como a situação de ONGS e pessoas físicas que necessitam de ajuda financeira para manter cães e gatos que vivem em abrigos. As celebridades animais não tem tanto espaço, mas os fatos variados cumprem uma parcela de espaço em que a cobertura é mais leve e voltada para a diversão. Pode-se observar que o número de notícias sobre apelos (72) está muito próximo do de fatos variados (69).

Nem F5-Bichos nem R7-Bichos aproveitam comumente material de outros veículos do mesmo grupo – como vídeos ou reportagens. No F5-Bichos, a maioria das notícias é composta de conteúdo assinado com o selo “Da redação” ou com a designação do local no qual a notícia foi escrita, “São Paulo”. Estas matérias são, geralmente, notas redigidas a partir de conteúdo retirado da internet, especialmente redes sociais – com destaque para vídeos inusitados que tem muitos acessos. Um exemplo é uma notícia sobre um vídeo em que *hamsters* aparecem numa reprodução de um churrasco. Tudo é feito em miniatura, com churrasqueira e alimentos em escala reduzida e os

animais usando óculos escuros e passeando em bóias numa piscina. As notícias mais aprofundadas são ligadas aos temas de Meio ambiente/ciência e oriundas de agências de notícias ou reproduzidas da BBC Brasil. Somente uma notícia era assinada com o nome do autor da matéria: uma reportagem retirada do aplicativo da Folha de São Paulo sobre a Cat Com Los Angeles, uma feira de produtos para gatos e palestras com profissionais especializados em felinos.

TABELA 4 – FONTES PRODUTORAS DAS NOTÍCIAS

Veículo	Agências	Reprodução (crédito atribuído a outro veículo de comunicação)	Conteúdo não assinado	Conteúdo assinado por repórter
F5-Bichos	7	2	10	1
R7-bichos	0	304	2	0

Fonte: Elaboração do autor

No R7-Bichos, o alto volume de notícias se explica pela parceria com outros sites. Todo o conteúdo disponibilizado na página da Agência de Notícias dos Direitos Animais – ANDA é reproduzido diariamente. A ANDA, por sua vez, faz um apanhado de tudo que sai na mídia nacional sobre o tema. Ou seja, o R7-Bichos reproduz o que a ANDA seleciona. Como a ANDA tem um direcionamento muito claro sobre a proteção dos direitos animais, esse enfoque acaba surgindo no R7. É daí que vem também o grande espaço destinado a apelos no canal, já que a ANDA dá destaque à divulgação destas notícias – neste caso produzidas pela equipe da agência. O R7-Bichos ainda reproduz conteúdo de outros sites, mas em menor quantidade, sendo o mais frequente o Portal do Dog – www.portaldodog.com.br.

5. Considerações

Os animais desempenham diversos papéis na sociedade. São alimento, companheiros de trabalho, parentes, decoração, produtos, amigos, vítimas, ameaças, entre outros. O relacionamento entre eles e os humanos, no entanto, continua sendo marcado por conflitos e é verticalizado, mantendo a supremacia humana. A supremacia humana pode conduzir e tem conduzido à extinção maciça de espécies silvestres e, nas áreas urbanas, os não-humanos que incomodam - animais de rua



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



ou aqueles que se tornaram pragas devido à perda de seu habitat natural, como os pombos – são alçados à esfera de problema social ou sanitário e tem a existência permanentemente ameaçada. Os que não são extintos, são criados, ou para serem vendidos como companhia e guarda ou para a finalidade exclusiva de virar alimento. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne - ABIEC³, nosso país tem o maior rebanho comercial do mundo, com 208 milhões de cabeças de gado. Para comparativo, o IBGE⁴ estima que a população humana do Brasil tenha chegado à casa dos 204,5 milhões de pessoas.

Os animais ainda têm servido ao entretenimento, apesar de haver muitos questionamentos sobre esse uso. A figura do animal como um objeto de diversão não é nova, mas podemos constatar que ela mudou significativamente. Nos séculos XVII e XVIII, na Europa, a prática do açulamento era considerada entretenimento digno da nobreza.

O “açulamento” de touros e ursos era efetuado com os animais presos a uma corrente, e atacados por cães – geralmente em sucessão, mas, às vezes, todos juntos. O cão investia contra o focinho do touro, amiúde dilacerando suas orelhas ou pele, enquanto este procurava arremessar o primeiro sobre os espectadores. (THOMAS, 2010, p.203).

No Brasil, conforme Camargo (2012, p.06), as touradas eram diversão popular e, em Mato Grosso perduraram até 1936. As rinhas de galo ocorrem até hoje de forma clandestina - em Cuiabá, um advogado responde na justiça a processo por realizar um evento de briga de galos e em entrevistas com protetores de animais da cidade é comum ouvir confirmações da prática (SAMPAIO;MARTINS, 2015, p1).

Apesar do relacionamento com os animais ser assimétrico e hierárquico, é inegável que houve muitos avanços na área de direitos animais. Conforme Pinker (2010, p. 12145), a empatia tem impacto na mudança de posturas em relação aos bichos.

Ao contrário de outras Revoluções por Direitos, o movimento pelos direitos dos animais não foi impulsionado pela parte interessada: ratos e pombos dificilmente teriam condições de pressionar por sua causa. Tampouco, ele foi subproduto de algum comércio, envolveu reciprocidade ou qualquer negociação de soma positiva; animais nada têm a ofertar em troca de os tratamos mais humanamente. (...) o reconhecimento dos interesses animais foi impulsionado por defensores humanos de tal comportamento, movidos pela empatia, pela razão e pela inspiração de outras Revoluções por Direitos. (PINKER, 2010, p. 12146).

3 Dados disponíveis em http://www.abiec.com.br/3_pecuaria.asp .

4 Dados disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



Podemos constatar que aqueles que entram na nossa esfera de afeto conseguem ter uma vida relativamente melhor – visto que para usufruírem do conforto da proteção humana muitos animais de estimação acabam tendo suas características naturais limitadas com procedimentos como o controle de reprodução e o adestramento, em que se tentar retirar hábitos como latir ou afiar as garras são retirados do comportamento do animal.

Entreter, divertir e atender a demanda crescente por informação sobre animais surge como a linha editorial dos dois canais. Talvez por isso ambos não utilizem o conteúdo de outros veículos de comunicação dos seus grupos. O compromisso, em ambas as páginas, é trazer notícias curtas, curiosas e sem aprofundamento. O R7-Bichos ainda compartimentaliza mais o tema inserindo-o no portal “Mulher” - o que demonstra que, ainda hoje, o cuidado e a preocupação com bichos é uma característica considerada eminentemente feminina.

No caso do R7-Bichos, foi possível notar que este objetivo foi alterado pelo fato do veículo passar a reproduzir grande volume de notícias da ANDA. Mesmo assim, o maior volume de informação é de conteúdo emocional, seja como “fatos variados” seja como “apelos”, já que as duas categorias apresentam histórias e dramas que tocam diretamente a sensibilidade.

Pode-se notar que não há cuidado na cobertura do tema por parte dos dois canais, já que ambos fazem, na verdade, uma espécie de clipping, copiando ou adaptando conteúdo disponibilizado em redes sociais ou por agências. Os fatos mais polêmicos e importantes da cobertura sobre animais aparecem de maneira descontextualizada e sem continuidade. Por isso, não é cumprida a função informativa, já que não é feita uma cobertura sistemática de temas factuais, de forma a manter o leitor esclarecido.

Os problemas ambientais, quando aparecem, surgem de forma isolada e sem uma reflexão aprofundada ou contextualizada, o que compromete a função pedagógica. Da mesma forma, a função política não é trabalhada, pois não insta à mobilização de forma a provocar transformações sociais. Há muitos apelos para socorrer animais abandonados, por exemplo, mas quase nada sobre a responsabilidade governamental de protegê-los. O mesmo acontece em relação à questão ambiental, já que é uma cobertura fragmentada.

Assim, mesmo que haja, nos dois canais, notícias sobre meio ambiente e alguns conflitos da relação humanos e não-humanos, é possível notar que a proposta de jornalismo ambiental não se



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



desenvolve plenamente nesses espaços. No entanto, como retrato da relação entre homens e animais, as páginas revelam a ascensão do animal de estimação no círculo emocional humano. Podemos encontrar nas notícias o processo de humanização dos pets - que chegam até mesmo a se tornar celebridades das redes sociais, com perfis no Facebook e Instagram -, bem como o crescimento de um grupo social, os protetores de animais, que utilizam as ferramentas on line para divulgar seu trabalho e obter apoio para suas causas.

A análise revelou também a lacuna de temas referentes à conservação dos animais silvestres. Apesar de serem os que mais sofrem com as ameaças do modelo econômico atual e precisarem de proteção imediata, já que muitos estão em processo de extinção, o fato de estarem, comparativamente, distante das pessoas faz com que recebam um espaço menor nestes canais que se ocupam majoritariamente de notícias que mexam com a emoção.

É bom lembrar que os animais criados para abate – como bois, porcos e galinhas – surgem pouquíssimas vezes. No caso dos bovinos, em matérias sobre o fim das touradas. Ou seja, não há nenhum questionamento ou reflexão sobre as necessidades ou características distintivas dos animais que servem de alimento para humanos, confirmando que a atenção da sociedade é mais voltada para os bichos que conseguem conquistar o afeto das pessoas.

Por fim, vale refletir que a questão animal é complexa, comporta diversos enfoques e se beneficiaria de uma abordagem embasada no jornalismo ambiental, pois traria uma nova luz a questões que são relativizadas dentro da proposta de entretenimento. Será que é mesmo divertido para um hamster participar de vídeos e usar roupinhas minúsculas com a única finalidade de entreter os humanos? Assim, vemos uma sociedade em que o afeto por alguns animais cresce a cada dia, mas nem sempre isso significa mais respeito aos bichos enquanto indivíduos.

Referências

- BUENO, Wilson. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n.15, p. 33, 2007.
- CAMARGO, Marisa. **A dança da morte**: festa, barbárie e tradição. Cuiabá: Umanos Editora, 2012.
- CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 1. Ed. digital. São Paulo: Editora Gaia, 2013.
- CHUAHY, Rafaella. Manifesto pelos direitos dos animais. São Paulo: Record, 2009.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

COLOMBO, Macri. *Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social*. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf#page=4&zoom=auto,-99,34>>. Acesso em 01 jul. 2015.

“Enfermeira acusada de matar cadela yorkshire deve pagar indenização”. **G1**, 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/05/enfermeira-acusada-de-matar-cadela-yorkshire-deve-pagar-indenizacao.html>> Acesso em 14 jun 2015.

“Justiça rejeita testemunhas de ex-juiz de MT acusado de rinha de galo”. **G1**, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/07/justica-rejeita-testemunhas-de-ex-juiz-de-mt-acusado-de-riinha-de-galo.html>> Acesso em 08 jul. 2015.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

‘Não fizemos por maldade’, diz suspeito de arrastar vira-lata em MS. **Globo.com**, 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2012/07/nao-fizemos-por-maldade-diz-suspeito-de-arrastar-vira-lata-em-ms.html>> Acesso em 07 jul. 2013.

RITO, C; ALVARENGA, B. A casa agora é deles. **Veja**, Abril, n. 2429, p. 71, 2015.

SERRES, Michel. **O contrato natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VICTOR, Cilene. Sustentabilidade: pauta jornalística ou marketing verde? In: Victor, Cilene; Caldas, Graça; Bortoliero, Simone (org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print editora, 2009. pp. 15-30.

WILSON, E. O. **A criação – Como salvar a vida na Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

World Wide Fund for Life. **Planeta Vivo: relatório 2014**, 2014. Disponível em <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/relatorio_planeta_vivo/> Acesso em 30 mar 2015.